

SIMPÓSIO AT220

A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA NAS TIRINHAS DE MAFALDA

THE REPRESENTATION OF SCHOOL IN MAFALDA'S COMIC STRIPS

CARVALHO, Maria Elia dos Santos Teixeira de.
Mestra em Educação/ UESC; Docente do IF BAIANO, campus Uruçuca
mariaelia.carvalho@yahoo.com.br

Resumo: Nossa pesquisa faz parte de uma atividade de ensino - Projeto Integrador - desenvolvida com alunos (orientandos) do 1º ano do Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal Baiano – IF Baiano, campus Uruçuca, com fomento interno. Nosso objetivo foi pesquisar que tipo de escola é representada nas tirinhas de Mafalda e se o modelo de educação dessa escola contribui para uma formação crítica. A proposta justifica-se, especialmente pelo fato de que as tirinhas de Mafalda estão sempre presentes no nosso dia a dia, com grande circulação entre os estudantes. O estudo, de cunho qualitativo, é pautado na revisão bibliográfica a partir de um recorte da análise de algumas tirinhas de Quino, criador da Mafalda. O referido trabalho constitui-se da crítica como subsídio às interpretações construídas. O resultado dessa pesquisa aponta que, de um modo geral, o modelo de escola presente nas tirinhas analisadas corresponde a um espaço de mera transmissão do conhecimento, no qual as atividades propostas são evasivas e sem sentido, sendo o aluno visto como um sujeito passivo e receptor de conteúdos. Entendemos, então, que Mafalda questiona justamente esse sistema e nos auxilia a pensar a escola por outro viés.

Palavras-chave: Mafalda; Escola; Discurso; Pensamento crítico.

Abstract: Our research is part of a teaching activity - Integrator Project - developed with students of the 1st year of the Technical Course in Tourism Guide of the Baiano Federal Institute - IF Baiano, Uruçuca campus, with internal support. Our objective was to investigate what kind of school is represented in comic strips of Mafalda and if that school's education model contributes to a critical formation. The proposal is justified especially by the fact that the comic strips of Mafalda are always present in our day to day, with great circulation among the students. The qualitative study is based on a bibliographical review of the analyses of some of the strips by Quino, Mafalda's creator. This work is constituted of critique as a subsidy to the constructed interpretations. The result of this research indicates that, in general, the school model present in the analysed strips corresponds to a space of mere transmission of knowledge, in which the proposed activities are evasive and meaningless, being the student seen as a passive subject and content receiver. We understand, then, that Mafalda rightly questions this system and helps us to think the school for another bias.

Keywords: Mafalda, School, Discourse, Critical thinking.

Introdução

Sabemos que cabe à escola a educação formal dos indivíduos e com essa atribuição espera-se que esse espaço de aprendizagem contribua para a formação de cidadãos críticos capazes de mudar a sociedade. No entanto, em algumas escolas, o modelo de educação não atende satisfatoriamente à demanda de formação crítica dos alunos. Ao pensar nesse modelo educativo, inicialmente no âmbito da Argentina, o cartunista Joaquín Salvador Lavado, artisticamente conhecido como Quino, criou a icônica personagem Mafalda, em 1964. Ela é uma garotinha questionadora, crítica e que, com bom humor, apresenta reflexões muito pertinentes sobre a realidade social, incluindo, nesse âmbito, seus questionamentos sobre a escola.

Dentro dessa perspectiva, desenvolvemos no Instituto Federal Baiano de Ciência e Tecnologia – IF Baiano, mais especificamente no Campus Uruçuca, um projeto de atividade de ensino durante 7 meses, o qual integrou uma proposta de ensino denominada Projeto Integrador, com caráter multi e transdisciplinar. Sendo assim, realizamos encontros semanais com nossos orientandos do 1º ano de Guia de Turismo, na modalidade Ensino Médio-Técnico, tendo como foco as representações sobre a escola nas tiras de Mafalda. A escolha por essa personagem se deu, sobretudo, não apenas por seu reconhecimento na sociedade brasileira, mas principalmente porque observamos ali a oportunidade de integrar Língua Portuguesa, Literatura, Artes, História, Sociologia e Filosofia ao âmbito da Língua Espanhola, que é de nossa área de atuação. Para tanto, utilizamos uma metodologia de cunho bibliográfico e qualitativo, que resultou em encontros de estudo centrados nos textos de Quino.

A par do nosso objetivo – pesquisar que tipo de escola é representada nas tirinhas de Mafalda, observando se o modelo de educação dessa escola contribui para uma formação crítica -, associamos as atividades desenvolvidas à tríade ensino, pesquisa e extensão, a qual é missão dos Institutos Federais

de Educação. Pudemos refletir, então, sobre o modelo de escola representado e, principalmente, sobre qual escola queremos. Além disso, promovermos associações entre o universo cultural das tiras de Quino e a realidade educacional brasileira; e, a posteriori, partimos para as estruturas e desempenho linguístico dos discentes, especialmente estudando discurso, leitura e interpretação de texto, a partir do macrogênero textual história em quadrinhos. O presente estudo visa, então, apresentar nossa atividade de ensino desenvolvida, e, para tanto, está estruturado em dois tópicos, os quais compreendem a contextualização histórico-teórica e a descrição dos encontros para estudo das tiras de Quino.

1. A História em quadrinhos na escola

Durante muito tempo, o macrogênero textual história em quadrinhos, seja na modalidade gibi, mangá, charges, *cartoons* ou tiras, esteve afastado da sala de aula, pois não apenas era visto como uma espécie de “gênero menor”, como também era mais direcionado ao entretenimento. Contudo, há algum tempo, essa situação vem se modificando, com a inserção deste macrogênero nas escolas, como mais um instrumento auxiliar para o ensino.

De acordo com as pesquisadoras da UNICAMP, Raquel Cardonha Piacenti e Maria do Carmo Martins (2018, p. 44):

[...] as HQs, responsáveis por inúmeras reflexões e gargalhadas, são também uma importante forma de manifestação cultural, cuja função fundamental é comunicar ideias e histórias. Por essa, dentre outras razões, as histórias em quadrinhos são interpretadas como importantes fontes produtoras de conceitos e, ao mesmo tempo, representações de determinada época e contexto. As histórias em quadrinhos, compostas por imagens e textos – que, na maioria das vezes, são associados a elas – também pressupõem práticas de produção, circulação e apropriação, por parte de quem as lê e discute.

Observamos, assim, a par do que dizem Piacenti e Martins (2018), a importância e funcionalidade das Histórias em quadrinhos, visto que tanto permitem acesso a determinado contexto histórico quanto também possibilitam

a integração entre imagem e texto, ampliando as possibilidades de leitura e reflexão sobre o quê e o como se lê. Em postura similar à das referidas autoras, Vitória Duarte Wingert e Jander Fernandes Martins (2017, *on-line*) analisam que:

As HQs visam despertar a criatividade, provocar a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico e a imaginação criadora, pois possuem uma linguagem simples, curta e apresentada em quadros coloridos. Além do mais, as HQs constituem em valioso meio de comunicação em massa no qual refletem questões relacionadas desde um simples cotidiano a valores morais, sociais, culturais e éticos, não restringindo-se apenas ao âmbito da comicidade, mas também configurando discursos do social, do político e do econômico.

É justamente por essa possibilidade de representação de discursos que entendemos ser possível analisar quais as representações discursivas que aparecem sobre a escola nas tiras de Mafalda. Cumpre observarmos, assim, que, para Moacir Gadotti (2000, *on-line*), “[...] A escola está desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento, pois a aprendizagem agora ocupa toda a nossa vida”. E, nessa perspectiva, “[...] Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas” (GADOTTI, 2000, *on-line*). Observamos, desse modo, a importância de discutir o modelo de educação da escola, bem como suas consequências para a sociedade.

A aprendizagem tem uma natureza social, que a difere, de certo modo, de outras atividades, sobretudo porque interfere diretamente na formação de pessoas. Isso porque tanto o professor quanto o estudante podem ser vistos como sujeitos constituídos historicamente com identidade própria, os quais vivem num contexto social em que as relações constituídas refletem determinados comportamentos, valores, visão de mundo, que conseqüentemente vão intervir significativamente no seu processo dialógico. Nesse sentido, o desenvolvimento não pode ser separado do contexto social e a cultura afeta a forma como pensamos e o que pensamos, pois o conhecimento é fruto das interações sociais que se estabelecem pela mediação dos signos culturais constituídos na coletividade (VIGOTSKY, 1988).

Em consonância a Mikhail Bakhtin (1995), defendemos que é a partir da linguagem que ocorre a produção cultural, pois o homem se constitui dentro de condições socioeconômicas e somente como membro de um grupo social e de uma classe social é que ascende a uma realidade histórica. Por isso, ao nos referirmos ao trabalho de Quino, é preciso contextualizarmos a produção de Mafalda, essa garotinha de seis anos que já nasceu contestadora:

A personagem Mafalda nos permite apresentar, através do humor e da sátira, um conjunto de temas polêmicos que fez parte do cotidiano dos argentinos nos anos 1960 e 70. O período que abarca sua produção também representa um momento de transição na sociedade e na história da educação argentina, quando intelectuais e pesquisadores se envolveram na discussão de ideias pedagógicas e das instituições educativas (ASCOLANI, 1999). Em 1955, Pedro Eugenio Aramburu assumiu a presidência do país, determinado a limpar o país do peronismo, eliminando sua simbologia, alterando os textos e planos de estudos, até mesmo a vida cotidiana escolar (PIACENTI; MARTINS, 2018, p. 47).

Além do contexto pós-peronista, a que se referem as autoras, a Argentina, assim como toda a América Latina, passava por um amplo processo de modernização social e cultural, ensejado também pelo confronto entre o capitalismo norte-americano e o socialismo soviético, conjuntamente à instabilidade política vivenciada nos países da América do Sul. Toda essa conjuntura foi transposta por Quino às tiras de Mafalda, contudo, sua arte ganhou amplitude universal e nos permite, ainda hoje, utilizá-la para discutirmos questões atinentes à educação, aproximando culturalmente Brasil e Argentina por meio da Mafalda.

2. Mafalda e a escola que não queremos

No projeto de ensino realizado, a metodologia usada foi a bibliográfica. De início, foi feito um levantamento de materiais sobre a temática: solicitamos às discentes Anna Maria Luiza Alves Silva e Tainan Ramos dos Santos, nossas orientandas, que fizessem um levantamento das tiras de Mafalda que abordassem a escola. A partir daí, criamos um grupo de estudo, com reuniões

semanais, e a cada encontro eram apresentados fichamentos, bem como discussões a partir das leituras propostas. Nesse processo, das tiras previamente escolhidas, selecionamos aquelas que se referiam à educação e à escola de forma mais direta. Desse modo, o *corpus* da nossa pesquisa foi composto por doze tirinhas, das quais elegemos duas para serem aqui analisadas.



Ilustração 01 – Mafalda e Manolito na escola. Fonte: Quino (2010).

Nesta tira de Mafalda, observamos a garotinha na escola, junto com a Professora e Manolito, um dos personagens que compõem a turma da Mafalda. No diálogo reproduzido, a professora pede para o aluno que não tiver entendido o assunto da aula que levante a mão. Manolito, então, a levanta e, quando questionado sobre o que não entendeu, responde que, de março até agora, não compreendeu nada. O humor se faz, especialmente, porque imaginávamos que, consonante à expectativa da professora, o aluno respondesse o que não entendeu sobre o assunto, porém, a resposta é bem mais complexa, porque ele não entendeu nada durante todo um tempo considerável de aulas, visto que o personagem diz “*desde marzo hasta ahora, nada!*” escola.

Resguardadas as devidas ressalvas que sabemos que compõem o universos da aprendizagem, no que diz respeito à parceria entre alunos e professores, ressaltamos que uma das possíveis leituras dessa imagem é de que a escola não fala a linguagem dos estudantes. Podemos nos perguntar: como é possível que um estudante esteja desde março na escola (e isso parece já fazer muito tempo no contexto da tira) e ele não tenha aprendido

nada? Como é possível que nada do que foi dito tenha sido para ele significativo, a ponto de permitir que ele aprendesse o assunto? Que escola é essa que permite essa situação?

A seguir, apresentamos outra tirinha, dessa vez em Língua Portuguesa:



Ilustração 02 – Mafalda na escola. Fonte: Quino (2010).

Apesar de termos dado preferência às tiras em Língua Espanhola, selecionamos essa pelo modelo de escola que representa. Observamos a atitude contestadora de Mafalda que não se conforma com a atividade passada pela professora: um texto sobre a vaca. Mafalda critica que, todos os anos, a professora passa a mesma atividade, o que indigna a estudante. Notamos aí que há, implícito, a representação de uma escola com uma metodologia repetitiva, que não ensina a pensar, mas sim a reproduzir pensamentos; que não inova, apenas ensina a repetir; que não elabora novas atividades, mas sim repete as mesmas todos os anos; que não forma sujeitos criativos, pois não ensina a pensar.

Considerações finais

Ao revermos as ações do nosso projeto de ensino, intitulado “A representação da escola nas tirinhas de Mafalda”, desenvolvido no IF Baiano – *campus* Uruçuca, acreditamos que, enquanto resultados, além de propiciarmos momentos de aprendizagem referentes à Língua Espanhola, propocionamos às nossas orientandas a possibilidade de compreenderem tanto as charges e histórias em quadrinhos quanto refletir sobre modelos de escolas e suas

consequências na formação dos sujeitos. Segundo relato das orientandas, essa pesquisa também lhes oportunizou ter um olhar mais acurado às leituras de tirinhas, afinal compreender uma tirinha requer ater-se às produções de sentido travados a partir da leitura.

O modelo de escola representado nas tiras de Quino é um espaço de mera transmissão do conhecimento, no qual as atividades propostas são evasivas e sem sentido. O aluno é visto como um sujeito passivo e receptor de conteúdos. É lugar comum nas tiras de Mafalda, sobretudo naquelas em que a escola é representada, a personagem criticar a ausência de um ensino que contribua para uma formação crítica e participativa dos alunos. Desse modo, a personagem contribui com a formação crítica do leitor, sobretudo de jovens estudantes, permitindo que eles pensem e questionem sobre as realidades que vivenciam e, assim, possam se transformar em sujeitos autônomos e reflexivos.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8^a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-. Acesso em 10 mai. 2019.

PIACENTI, R. C.; MARTINS, M. C. **Mafalda e a escola: representações da educação argentina em cinco tirinhas de Quino**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.36, n.72, p.43-58, 2018.

QUINO. **Toda Mafalda**. 2^a edição. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINGERT, V. D.; MARTINS, J. F. **Do Universo dos Quadrinhos à Sala de Aula: Mafalda à aula de História**. Revista Gestão Universitária, [on-line], 2017. ISSN: 1984-3097. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>. Acesso em: 04 fev. 2019.